

Mário Nunes, o Decano dos Críticos Teatrais, morre em casa com quase 82 anos

Journal do Brasil. Rio, 9 fev. 1968

Morreu ontem em sua residência, às 13 horas, o Decano dos Críticos Teatrais, Mário Nunes, que assinou coluna no JORNAL DO BRASIL por mais de 50 anos. Removido ontem mesmo para a Capela I da Real Grandeza, Mário Nunes será enterrado hoje às 10 horas, no Cemitério de São João Batista.

Chamado "Irmã Paula do Teatro Nacional" por ter incentivado sempre empresas, conjuntos e figuras estreantes, Mário Nunes foi ainda autor teatral, jornalista, poeta e lavrador. Confessou certa vez que "após decênios de atividades tornei-me um especialista: meu mundo intelectual e profissional é o teatro."

QUEM FOI

Mário Batista Nunes nasceu no dia 26 de fevereiro de 1886, em Vassouras, centro social, político e cultural mais importante da então Província do Rio de Janeiro. Filho de João Batista Nunes e de Nésia Oliveira Nunes, ambos professores, Mário Nunes perdeu o pai aos nove anos de idade, mudando-se para Barão de Aquino com os dois irmãos e a mãe, promovida a professora estadual.

"Rapaz, para fugir ao ócio e auxiliar minha mãe, lancei-me aos trabalhos braçais da lavoura com assalariados, plantei, capinei, colhi. Al passei minha adolescência, fiz-me jornalista escrevendo em *A Luta*, semanário da vila do Sumidouro onde publiquei meus primeiros versos, em *O Município*, de Vassouras, e em *O Friburguense*" — escreve Mário Nunes em seu livro *40 Anos de Teatro*.

Sempre que tinha a oportunidade, percorria a cavalo as duas léguas que o separavam da vila, sede política e social do município, para assistir às tradicionais festas da igreja e aos bailes. Certo dia, alguém teve a ideia de criar um grêmio dramático, no qual Mário Nunes ingressou desempenhando o papel de um galã cômico, saindo-se como "um canastrão", segundo confessou ele próprio. Esse foi o primeiro contato direto que teve com o teatro, que se tornaria seu mundo intelectual e profissional.

COMEÇO NO JB

Aos 19 anos, com instrução primária e educação feita de ilustração esparsa e vária obtida pela leitura de tudo quanto lhe caía sob os olhos, Mário

Nunes veio para o Rio completar os estudos. Ingressou na Academia de Comércio, da qual o Conde Cândido Mendes de Almeida era Diretor, sendo logo considerado por ele como um filho.

Em 1910, o Conde colocou-o no JORNAL DO BRASIL, onde seu irmão, Conde Fernando Mendes de Almeida, era redator-chefe e crítico teatral. Em 1912, Mário Nunes viajou para os Estados Unidos em companhia de seu mentor, como auxiliar da comissão brasileira organizadora do stand do Brasil na Terceira Exposição Internacional de Borracha. Na ocasião, visitou San Diego, Los Angeles, São Francisco, Chicago, Washington, Nova Iorque, não perdendo uma só peça de teatro.

ATIVIDADES

Na qualidade de militante, foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, tendo exercido as suas presidência e vice-presidência. Como autor, escreveu e levou ao palco muitas peças, entre elas *Rapsódia Carioca* e *Fruito Proibido*, com Procópio e Bibi Ferreira. Publicou também versos e uma antologia do teatro em quatro volumes, *40 anos de Teatro*.

"Por que a escrevi? Cândidamente o confesso: para me perpetuar!" — escreveu nas primeiras páginas de seu livro, acrescentando que os pesquisadores o citarão quando estudarem o que foi o teatro brasileiro na primeira metade do século XX.

Crítico muito a sociedade na qual viveu e a pouca colaboração do Governo: "Vimos um prefeito gastar 200 milhões na construção de um estádio e recusar um centavo à edificação de teatros."

NAS nossas notas anteriores registramos trabalhos, relacionados com a Paraíba e Minas Gerais. Hoje chega a vez do Amazonas.

João Crisóstomo de Oliveira, professor em Manaus, acaba de publicar o seu discurso de posse na Academia Amazonense de Letras, que versa sobre a vida e a obra de João Lêda (Ed. Sérgio Cardoso, Manaus, 1960).

João Lêda (1879-1955), embora natural do Maranhão, viveu a maior parte da sua vida na capital amazonense, pertencendo, pois, à cultura desse Estado. Ocupou vários cargos na administração pública, mas distinguiu-se, sobretudo, como jornalista e filólogo.

Durante muitos anos foi redator e colaborador de vários jornais de Manaus, especialmente, de «O Jornal» e «Jornal do Comércio». Infelizmente a vasta obra de jornalista de João Lêda, estendida no vasto espaço de quatro décadas, é inestudada e espera um paciente pesquisador que faça um levantamento da imprensa amazonense

QUESTÕES DE LINGUAGEM

Dr. Dr. de N. K. K. K.
Rio, 30 julho 1961

Um Filólogo Esquecido

ZDNEK HAMPEJS

para encontrar seus artigos, hoje inumados nos arquivos.

Como jornalista, tornou-se conhecido com as suas polémicas. Estas, porém, marcaram também a sua obra de filólogo. Memorável, apesar de hoje quase esquecida, é a sua discussão com Cândido de Figueiredo, registrada em *Os áureos filões de Camilo*, 1924. Mas já um ano antes, no seu primeiro livro publicado, *Vocabulário de Ruy Barbosa*, 1923, preliou com o autor português, que ele intitula irónicamente o «sr. Cândido de Figueiredo o Máximo» e o «Pontífice da Lexeologia Portuguesa», censuran-

do-o por não ter registrado, no seu dicionário, várias centenas de vocábulos encontráveis na *Réplica* e dizendo haver «da parte do lexicólogo uma indiferença que raia pela desatenção». Com a obra *Nossa Língua e seus Soberanos*, 1928, gladia amistosamente com José de Sá Nunes sobre diferentes problemas do idioma pátrio. Na sua obra mais erudita que escreveu sobre assunto de linguagem, combateu veementemente *A Quimera da Língua Brasileira* (1939). Publicou, também, a sua tese *Da exação delativa dos fatos históricos* (1931). Trabalhando em condições

difíceis, criou João Lêda uma obra interessante. E, pois, digno de elogios o esforço do professor Crisóstomo por lembrar essa figura, agora já quase esquecida, da filologia brasileira. Com impaciência esperamos um livro, já anunciado, do mesmo autor e que focaliza, mais pormenorizadamente, em c'co estudos, a personagem de João Lêda.

Mas com isso a pesquisa, tão bem iniciada, não termina. Seria útil publicar, numa criteriosa seleção, os artigos filológicos que João Lêda publicou nos jornais de Manaus, e os numerosos manuscritos que deixou.